

# Reflexão sobre a História da Educação física no Brasil<sup>1</sup>

UMA ABORDAGEM HISTORIOGRÁFICA

\*Victor Andrade de Melo

Nos últimos anos, tem sido possível observar um significativo aumento nas preocupações relativas à história no âmbito da Educação Física brasileira. Depois de anos vivendo quase exclusivamente dos estudos do professor Inezil Penna Marinho<sup>2</sup>, a partir da década de 80 um crescente número de iniciativas ligadas à História da Educação Física são destacáveis. Entre outras: a obra do professor Lino Castellani Filho<sup>3</sup> encontra-se entre as mais lidas na Educação Física brasileira; existem dois cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Educação Física que possuem linhas de pesquisa específicas para discutir a história (Universidade Gama Filho e Universidade Estadual de Campinas), além de muitos profissionais de nossa área cursarem suas pós-graduações em universidades que possuem linhas dedicadas à História da Educação (como na Pontifícia Universidade Católica - São Paulo); existe um grupo de estudos sobre História do Esporte, Educação Física e Lazer, reconhecido pelo Conselho Nacional de Pesquisa, funcionando na Universidade Estadual de Campinas; além disso já foram realizados três encontros nacionais específicos para discutir o assunto<sup>4</sup>.

A esse aumento de preocupações relativas à história, refletido diretamente no aumento da produção científica, não parecem,

no entanto, ser perceptíveis discussões e reflexões relativas à qualidade, natureza e especificidades dessa produção. Desde Américo Neto e Laurentino Bonorino<sup>5</sup>, passando por Inezil Penna Marinho e chegando às obras da década de 80/90, não se tem privilegiado discussões que procurem compreender como essa história tem sido escrita, o que, no meu ponto de vista, pode estar contribuindo para a construção desordenada da História da Educação Física no Brasil, dificultando um salto de qualidade dessa produção e minimizando as contribuições que pode conceder para o estudo e compreensão da Educação Física brasileira.

Em estudos anteriores, tentei, introdutoriamente, desenvolver algumas reflexões no sentido de encaminhar essas discussões, seja fazendo uso da própria história de nossa história<sup>6</sup>, alertando para a necessidade de preencher inúmeras "lacunas históricas"<sup>7</sup> ou propondo e demonstrando as possibilidades de alternativas metodológicas<sup>8</sup>. Aqui, neste estudo, pretendo aprofundar e sistematizar essas reflexões a partir de uma análise do atual momento dos estudos históricos na Educação Física brasileira. Para isso, faço uso primordial das coletâneas dos dois primeiros encontros nacionais específicos de história, e também das produções na área de História da Educação Física, sejam livros, trabalhos apresentados em

congressos nacionais e capítulos de livros/monografias que tive acesso. Devo também explicitar que estou bastante influenciado pelas idéias de Mirian Jorge Warde (1990) acerca dos problemas na História da Educação, embora em determinados momentos venha a optar por caminhos diversos na análise.

Assim este trabalho pretende ser um estudo historiográfico, acreditando que a historiografia não é somente o reflexo da História, mas deve ser uma análise epistemológica e ideológica que vai permitir o retomar e o redimensionar dos caminhos dos estudos históricos, apontando possíveis problemas e possibilitando o "arriscar" de sugestões. Warde (*op.cit.*) esclarece que os conceitos de historiografia não são unânimes entre os historiadores, estando diretamente ligados aos seus conceitos de História; mas, em geral, entre os historiadores antipositivistas, a historiografia tende a ser definida "não como reflexo especular da História, porque a ela são delegadas funções específicas, cujos resultados devem repercutir na própria História" (p.4).

Este estudo não pretende, logo, ser um levantamento de autores, obras e seus resumos. Sem descartar *a priori* a importância dessa iniciativa, inclusive porque de alguma forma possibilita conhecimento de nossa produção no campo da História, aqui pretendo, fundamentalmente, identificar as especificidades epistemológicas no atual momento de nossos estudos históricos, apontando, a partir daí, sugestões, vislumbrando a possibilidade de interferir e influenciar nos caminhos a serem trilhados a partir de então. Primordialmente, pretendo identificar como se tem dado a vinculação de nossos estudos com as teorias e discussões na área de História e como, a partir daí, tem-se dado o elencar e o utilizar de procedimentos metodológicos.

Desde já, considero que as escolhas, intencionais ou não, de ordem metodológica/epistemológica têm um peso fundamental na escrita da história. Isto é, embora a identificação das tendências políticas do historiador não seja abandonável, suas escolhas de técnicas narrativas e formas de análise têm implicações sociais e políticas claras. As percepções ideológicas tornam-se, então, mais sutis e mais interiores ao campo de conhecimento da História (Hunt, 1992). Assim não abandono a pos-

sibilidade de análise dos aspectos ideológicos, mas considero que é possível inferir e desvendar tais aspectos no interior das opções metodológicas/epistemológicas. Como opção de análise, então, sem a preocupação de filiar-me incondicionalmente, considero-me influenciado pelos movimentos de redimensionamento da história<sup>9</sup>, principalmente suas considerações a partir da década de 60.

Quero, antes de mais diretamente me reportar à História da Educação Física, fazer algumas ressalvas. A justificativa pautada na recência de nossos estudos na área de história, que explicaria seu desenvolvimento ainda embrionário e sua fragilidade metodológica, além de comprovar o desconhecimento de nossa produção, principalmente das décadas de 40 a 60, não pode servir para obliterar a necessidade imperiosa de superação qualitativa. O respeito e a consideração pelo que foi produzido até os dias de hoje não podem substituir ou impedir a rigorosa crítica permanente (tão rigorosa quanto possível for) que deve ser efetuada.

Ressalvo também que, não sendo historiador de profissão e só recentemente me tendo iniciado nos exercícios e meandros da história/História, tenho consciência de minhas limitações no que se refere ao estudo da historiografia. Assim sendo, minhas considerações podem ser precárias, mas com certeza não pretendem ser menos rigorosas e fundamentadas. Sua complementação deve dar-se no próprio exercício dos que se têm dedicado ao estudo de nossa história, a partir de suas vivências práticas enquanto historiadores e de estudos teóricos na área.

Embora não se possa negar o avanço qualitativo e quantitativo dos estudos históricos em nossa área, não se pode deixar de perceber alguns problemas, principalmente de ordem metodológica/epistemológica. Penso que existam reconstruções e reformulações a serem executadas e aqui pretendo apresentar algumas dessas possibilidades, obviamente a partir de meu ponto de vista historiográfico e de minha visão de História, não tendo a pretensão de determinar, de forma definitiva, os empreendimentos que devem ser efetuados.

Warde (*op.cit.*), refletindo sobre a História da Educação, afirma que o presentismo

***A esse aumento de preocupações relativas à história, refletido diretamente no aumento da produção científica, não parecem, no entanto, ser perceptíveis discussões e reflexões relativas à qualidade, natureza e especificidades dessa produção.***

pragmatista ocupou espaço central nos estudos da área, espaço até mesmo maior que o positivismo. Ao proceder uma análise em nossa área, parece confirmar-se procedimento semelhante. E interessante perceber que a História foi/é utilizada fundamentalmente a partir de sua utilidade para justificar o presente, a partir de uma compreensão linear de causa e consequência em que o presente nada mais é que o reflexo e a soma do que ocorreu no passado.

Creio ser interessante refletir sobre a presença da História na Educação Física brasileira. Na formação profissional, por exemplo, percebemos a presença de cadeiras ligadas à História da Educação Física desde os primeiros currículos e primeiras escolas/cursos de formação<sup>10</sup>. Mas qual seria o sentido dessa cadeira no conjunto de outras como fisiologia, anatomia, ginástica e desportos? Em geral, na formação profissional em nossa área, as disciplinas encontravam-se divididas em teóricas e práticas, podendo também observar-se que as disciplinas práticas eram divididas em médicas e não-médicas<sup>11</sup>. A cadeira de História da Educação Física era considerada teórica não-médica, embora, algumas vezes, fosse ministrada por médicos<sup>12</sup>.

Independente da dicotomização teoria-prática, as disciplinas tinham em comum o fato de serem orientadas diretamente para a formação de um profissional inicialmente considerado mais como um técnico do que como um professor (Faria Júnior, 1987; Melo, 1995). Assim as disciplinas estavam preocupadas em dar conhecimentos aplicáveis *na prática* que tivessem utilidade operacional direta. E interessante observar, também, que um prestígio diferenciado era destinado às cadeiras, gozando de maior prestígio as cadeiras teóricas e médicas<sup>13</sup>. A cadeira de História da Educação Física ocupava um lugar intermediário, já que, embora fosse teórica, era não-médica. Era uma eminência parda das disciplinas médicas, inclusive por ser considerada de "uma utilidade prática menor". Nesse contexto, sua utilidade estava exatamente em encontrar justificativas para o presente, referendando os projetos de educação física emergentes.

Hodiernamente, é possível perceber si-

tução semelhante, no que se refere a sua utilidade como justificativa do presente, por exemplo, em capítulos introdutórios de alguns estudos, muitas vezes dedicados a um estudo histórico. Normalmente desconexos do contexto central dos estudos, a presença desses capítulos normalmente se dá na tentativa de mostrar que o problema levantado nada mais é que reflexo do passado. Além dessa controversa impropriedade teórica, esses capítulos, inclusive por não serem o alvo central do estudo, recebem uma atenção menor por parte do autor, apresentado sem uma reflexão historiográfica mais profunda, reproduzindo inclusive os esquemas históricos tradicionais, normalmente justificada "por ser somente um capítulo introdutório".

Assim esses capítulos introdutórios não contribuem nem com o entendimento do problema central do seu estudo, nem com a História da Educação Física, contribuindo antes para sua desorganização e desorientação. Esses capítulos, se não têm sentido no conjunto da obra e se não merecem uma preocupação maior, podem ser perfeitamente retirados e/ou utilizados no interior das considerações em geral. Não há nada que obrigue ou impeça a existência de um capítulo inicial dedicado à história, mas, caso exista, deve receber o mesmo cuidado que os outros e partir de uma cuidadosa reflexão teórica historiográfica.

Na verdade, penso que a História da Educação Física precisa encontrar sua definição e seu espaço, abolindo a compreensão de que todo amontoado de datas e fatos, colocados em qualquer momento, mesmo que seja com uma pretensa abordagem crítica, é história. A História da Educação Física precisa encontrar uma especificidade e uma qualidade que a destaque, e isso deve ser preocupação central daqueles que estudam mais sistematicamente a história, construindo exemplos também para aqueles que eventualmente fazem seu uso.

Parto de uma premissa principal: a História da Educação Física precisa romper quaisquer fronteiras e resistências, descobrindo seu lugar no vasto campo de conhecimento da História. Isto é, a História da Educação Física é antes de tudo História, e seu lugar na Educação Física está em, utilizando os referenciais e constructos teóricos da História, ter a Edu-

***Na verdade, penso que a História da Educação Física precisa encontrar sua definição e seu espaço, abolindo a compreensão de que todo amontoado de datas e fatos, colocados em qualquer momento, mesmo que seja com uma pretensa abordagem crítica, é história.***

cação Física como objeto de estudo. A História da Educação Física, no momento que tem a Educação Física como objeto de estudo, contribui para as discussões pertinentes a esta, mas, para isso, faz uso da História. Penso que a História da Educação Física seja uma das especializações da História, se considerado o aspecto temático<sup>4</sup>.

Enquanto estudo de um dos temas do campo de conhecimento da História, um dos elementos da multiplicidade do real histórico, a História da Educação Física também tem a contribuir com a História, não só por apontar novas possibilidades temáticas, mas com a utilização de procedimentos metodológicos e reflexões; não só contribuindo para a compreensão da complexidade histórica, como também com novos procedimentos para efetivar essa compreensão. Os estudiosos da História da Educação Física não devem desconhecer que

No momento, a história do Brasil parece defrontar-se com um enorme desafio. É preciso encontrar uma solução para um problema complexo: a produção histórica deve aproveitar toda a experiência existente (do ponto de vista teórico-metodológico, do ponto de vista do trabalho crítico das fontes, etc.) (Borges, 1993, p.82).

A História da Educação Física terá também, nesse esforço de delineamento, que lidar com os problemas relativos à indefinição do campo de conhecimento da Educação Física. Não descartando essas discussões, nem a contribuição da História para elas, uma solução momentânea estaria em explicitar os limites que vem a considerar como Educação Física. Penso que um caminho seja delimitar o que é interessante para o estudo da própria definição da Educação Física e de suas fronteiras móveis como objeto de interesse. Particularmente, por exemplo, não penso em dispensar *a priori* o esporte e mesmo outras manifestações da cultura corporal<sup>15</sup>, como o teatro, desde que sua relação se dê no âmbito do interesse da área de Educação Física.

Enfim, é fundamental que preocupações quanto à fragmentação da Educação Física não venham a impedir a História da Educação Física de se desenvolver no seio da História, já que isso não significará o abandono da Educação Física, antes o contrário, a potencialização de sua contribuição.

Partindo dessa premissa, nesse momento, as preocupações metodológicas/epistemológicas devem ocupar lugar central nos estudos históricos em nossa área. A História tem caminhado notoriamente e redimensionado constantemente seu campo e forma de atuação,<sup>16</sup> e as possibilidades abertas nesse processo parecem ainda não ter sido consideradas profundamente no âmbito de nossos estudos. Ao orientar nossa produção histórica em consonância com o momento historiográfico em geral, ampliando nossas possibilidades teórico-metodológicas, devemos ter cuidado para que não venhamos a aceitar passivamente as "novas propostas", acreditando que, por si só, são suficientes para redimensionar o campo de estudo da História da Educação Física no Brasil. Antes devemos estar atentos às possíveis críticas a essas "novas propostas", fazendo um "desconfiado" uso, sempre prontos a questionar suas reais contribuições<sup>17</sup>.

Um exemplo da carência dessas preocupações pode ser encontrado na utilização de fontes. Ao analisarmos os trabalhos ligados à História da Educação Física nas décadas de 80/90, correndo o risco das generalizações, uma constatação básica parece clara: a utilização quase que exclusiva de fontes de natureza idêntica. Nesses estudos, é fácil perceber que o documento escrito tradicional é o prioritariamente utilizado, não sendo possível perceber grandes iniciativas no uso de fontes de natureza oral, iconográfica, músicas e fontes literárias. A utilização de fontes involuntárias é bem pequena, bem como de fontes primárias<sup>18</sup>. A maioria dos estudos vale-se de autores consagrados na década de 80<sup>19</sup>. O uso de fontes anteriores a 1950/1960 não é comum. Mesmo em se tratando de uso primordial de fontes escritas, não se percebe grande utilização, por exemplo, de periódicos<sup>20</sup>.

Longe de afirmar que tais fontes e referenciais não servem para o estudo da nossa história, creio que a utilização de fontes mais diversas, mais primárias e de outra natureza podem contribuir para evitar unanimidades ou dicotomizações na forma de interpretar nossa história, tornando-a de compreensão mais múltipla.

Também é preciso que estejamos mais atentos à nossa própria história e às "lacunas" ainda existentes nela. Não podemos deixar de

**Enfim, é fundamental que preocupações quanto à fragmentação da Educação Física não venham a impedir a História da Educação Física de se desenvolver no seio da História, já que isso não significará o abandono da Educação Física, antes o contrário, a potencialização de sua contribuição**

descobrir e estudar novas "lacunas", além de redescobrir e reestudar, sobre novas óticas, antigas constatações. Aproveito para ressaltar que os fatos e as datas, os acontecimentos, têm adquirido um novo sentido e importância para muitos historiadores. As críticas à cronologia já foram relativizadas, e percebe-se cada vez mais novas formas de narrativa que considerem essa importância<sup>21</sup>. Creio que estamos correndo o risco de estar escrevendo nossa história sem conhecer o que já foi escrito até então:

Não é cabível, por exemplo, que estudos que se pretendam históricos sejam arquitetados com base no desconhecimento do que já foi produzido na área sobre os mesmos temas já escolhidos. (Warde, op.cit, p.6)

Devemos também estar atentos para não confundir uma compreensão histórica que tenha direta ligação com a vontade de transformar e interferir na realidade social com outra que a confunda com empenho político *a priori*. Esse esforço deve estar aliado a outro no sentido de repensar a relação entre a história que estamos escrevendo e aquela vivida, ocorrida. Penso que a relativização da verdade não pode significar o abandono de sua busca, nem tão pouco a substituição de uma verdade estabelecida por outra a ser aceita a partir de então. Ao reconhecermos a possibilidade de certas regularidades, não podemos correr o risco de sermos deterministas ou lineares ao extremo. Saídas para isso podem estar numa consideração mais profunda das diferenças e na constante preocupação com o afastamento entre "história vivida" e "história escrita", que pode impedir que nosso exercício acabe inserindo-se no campo da filosofia da história<sup>22</sup>.

Com muita frequência, os historiadores fazem, inconscientemente, sem saber, teoria ou ideologia em seu trabalho, e é preciso tomar consciência ou fazer com que se tome consciência desse latente teórico. (Le Goff, 1990, p.5.)

Por fim, creio que os estudos históricos têm muito a contribuir para a Educação Física brasileira, permitindo interpretações de seus processos e caminhos no decorrer do tempo, lançando luz nas discussões contemporâneas e, diriam alguns, até mesmo contribuindo no perspectivar do futuro. Mas é perigoso que, para isso, venha a coadunar com uma perspectiva linear causa-conseqüência ou a permitir que inferências *a priori* ideológicas

oblitarem a especificidade de sua contribuição. É comum que a história seja uma seqüência de novas leituras do passado, plenas de perda e ressurreição, falhas de memória e revisões, ocasionadas pela busca incessante da verdade e da objetividade. Talvez um pouco mais de desconfiança e um pouco menos de linearidade e unanimidade nos possa ser muito útil. Trabalhar um pouco mais as contradições, nas fronteiras, com as ambigüidades e inexistências, que, segundo Paul Ricoeur, são equívocos bem fundamentados que caracterizam e justificam o difícil trabalho do historiador.

A história só é história na medida em que não consente nem no discurso absoluto, nem na singularidade absoluta...a história é essencialmente equívoca, no sentido de que é virtualmente *evenementielle* e virtualmente estrutural...a história quer ser objetiva e não pode sê-lo. Quer fazer reviver e só pode reconstruir. Ela quer tornar as coisas contemporâneas, mas, ao mesmo tempo, tem de reconstituir a distância e a profundidade da lonjura histórica. (Ricoeur apud. Le Goff, op.cit., p.21)

Não me sinto seguro, ainda, para, como Warde (op.cit), fazendo uma analogia com a História da Educação, afirmar que se deve optar pelo

Racionalismo e o realismo de uma epistemologia que indica o abandono da tese das ciências da educação em nome de uma ciência unitária dos fatos humanos e que aponta na direção da História como ciência social total. (Warde, op.cit, p.9)

Mas, de qualquer forma, penso que um bom começo está em, como tentei apontar neste estudo, orientar os caminhos da História da Educação Física em consonância com o desenvolvimento do campo de conhecimento da História. Penso que é necessário encarar essa possibilidade, sob o risco de dificilmente aproximar-se mais efetivamente do alcance de seus objetivos e contribuições para a Educação Física brasileira.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONORINO, Laurentino et al. *Histórico da Educação Física*. Vitória: Imprensa Oficial, 1931.
- BORGES, Vavy Pacheco. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales*. São Paulo: UNESP, 1991.

**Mas, de qualquer forma, penso que um bom começo está em, como tentei apontar neste estudo, orientar os caminhos da História da Educação Física em consonância com o desenvolvimento do campo de conhecimento da História. Penso que é necessário encarar essa possibilidade, sob o risco de dificilmente aproximar-se mais efetivamente do alcance de seus objetivos e contribuições para a Educação Física brasileira.**

- \_\_\_\_\_. *A escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.
- CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CARDOSO, Ciro Flamarion, BRIGNOLI, Héctor Pérez. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.
- CAVALCANTI, Verter Paes. Reflexões acerca da possibilidade de uma História da Educação Física Brasileira. In: MEZZADRI, Fernando Marinho. *Coletâneas do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa: UEPG, 1994.
- CERTEAU, Michel. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- FARIA Júnior, Alfredo Gomes de. Professor de Educação física, licenciado generalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de; FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes de (orgs.). *Fundamentos pedagógicos da Educação Física - 2*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.
- GLENISSON, Jean. *Introdução aos estudos históricos*. São Paulo: Bertrand, 1986.
- HUNT, Lyhn. *Nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física e esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1952.
- MELO, Victor Andrade de. História da História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do esporte*, volume 16, n.2, jan./1995.
- \_\_\_\_\_. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1995.
- \_\_\_\_\_. Turfe: o 'sport' brasileiro do século XIX. In: MEZZADRI, Fernando Marinho(org.). *Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995.
- \_\_\_\_\_. Primórdios da Educação Física escolar: uma revisão inicial da literatura. *Anais do I Congresso Nacional de Ensino Fundamental*. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1995.
- \_\_\_\_\_. Possíveis reflexões sobre a História da Educação Física no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95.
- \_\_\_\_\_. O professor Inezil Penna Marinho e a História da Educação Física no Brasil. *Anais do V Simpósio Paulista de Educação Física*, Rio Claro, UNESP, 1995.
- \_\_\_\_\_. História oral e História da Educação Física no Brasil: uma possibilidade necessária. In: MEZZADRI, Fernando Marinho (org.). *Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa: UEPG, 1994.
- \_\_\_\_\_. Arte popular e novas possibilidades de estudo da História da Educação Física e dos esportes. In: WIDMER, Cacilda Pereira (org.). *Coletânea do I Encontro de História do Esporte, Lazer e da Educação Física*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- MELO, Victor Andrade e DINI, Patrícia. Novos e antigos documentos para a História da Educação Física no Brasil: um levantamento na Biblioteca Nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95.
- MEZZADRI, Fernando Marinho (org.). *Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa: UEPG, 1994.
- PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. Algumas interrogações sobre as tendências recentes da Historiografia brasileira: a emergência do "novo" e a crítica ao racionalismo. *LPH: revista de história*, Ouro Preto, v.3, n.1, 1992.
- SCHAFF, Adam. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Cortez, 1992.
- WARDE, Mirian Jorge. Contribuição da História para a Educação. *Em aberto*, Brasília, n.47, jul./set. 1990.

WIDMER, Cacilda Pereira (org). *Coletânea do I Encontro de História do Esporte, Lazer e da Educação Física*. Campinas: UNICAMP, 1993.

ZAIDAN FILHO, Michel. *Crise da razão histórica*. Campinas: Papirus, 1989

#### NOTAS

<sup>1</sup> Neste estudo, o termo História da Educação Física quer significar uma área de estudos. Explico isso para que não se confunda com o termo "história da Educação Física", que cunhado com inicial minúscula, quer significar os acontecimentos ocorridos nesse corte institucional.

<sup>2</sup> Maiores informações sobre a obra do Prof. Inezil Penna Marinho e sua contribuição para os estudos dos históricos na Educação Física brasileira podem ser obtidas em "MELO, Victor Andrade. História da História da Educação Física no Brasil: perspectivas e propostas para a década de 90. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 16, número 2, jan./1995" e "MELO, Victor Andrade. O Professor Inezil Penna Marinho e a História da Educação Física no Brasil. *Anais do V Simpósio Paulista de Educação Física*, Rio Claro, UNESP, 1995".

<sup>3</sup> CASTELLANI FILHO, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1988.

<sup>4</sup> O I Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física foi realizado em Campinas (1993); o segundo encontro foi realizado em Ponta Grossa (1994); e o terceiro, em Curitiba (1995). Esse Encontro possui a peculiaridade de publicar todos os trabalhos na íntegra, facilitando, assim, a análise do material produzido.

<sup>5</sup> Américo Neto foi professor da cadeira "História da Educação Física" na Escola de Educação Física de São Paulo desde sua criação, em 1924. Laurentino Bonorino foi um dos autores responsáveis pelo primeiro livro publicado sobre o assunto no Brasil, "Histórico da Educação Física" (1931). Bonorino foi também um dos precursores e organizadores da Educação Física no Estado do Espírito Santo

<sup>6</sup> Melo (1995, *op.cit.*).

<sup>7</sup> MELO, Victor Andrade de. Turfe: o 'sport' brasileiro do século XIX. In: MEZZADRI, Fernando Marinho. *Coletânea do III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Curitiba: UFPR, 1995; MELO, Victor Andrade de. Primórdios da Educação Física escolar: uma revisão inicial da literatura. *Anais do I Congresso Nacional de Ensino Fundamental*, Rio de Janeiro, Colégio Pedro II, 1995. <sup>8</sup> MELO, Victor Andrade. Arte popular e novas

possibilidades para a História da Educação Física no Brasil. In: WIDMER, Cacilda Pereira. *Coletânea do I Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Campinas: UNICAMP, 1993; MELO, Victor Andrade de. História oral e História da Educação Física no Brasil - uma possibilidade necessária. In: MEZZADRI, Fernando Marinho. *Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*. Ponta Grossa: UEPG, 1994; MELO, Victor Andrade, DINI, Patrícia. Novos e antigos documentos para a História da Educação Física no Brasil: um levantamento na Biblioteca Nacional. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, volume 17, número 1, set/95.

<sup>9</sup> Exemplifico alguns desses movimentos: a influência do marxismo, os movimentos de redimensionamento da influência do marxismo sobre uma ótica mais cultural, o movimento da Escola dos Annales em todos os seus momentos e, mais recentemente, a História Cultural. Considerando as diferenças, aponto algumas relevâncias desses movimentos: a negação dos limites sacralizados das ciências sociais; a preocupação com uma história problema; a preocupação com as repercussões da história no presente; a preocupação com o sujeito; a preocupação com as minorias.

<sup>10</sup> Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Melo (1995, *op.cit.*).

" Maiores informações podem ser obtidas em "MELO, Victor Andrade. *Escola Nacional de Educação Física e Desportos: uma possível história*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 1995."

<sup>12</sup> Por exemplo, o Dr. Aluísio Aciolli foi o primeiro professor responsável pela cadeira na Escola Nacional de Educação Física e Desportos.

<sup>13</sup> Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Melo (1995, *op.cit.*).

<sup>14</sup> Maiores informações relativas às especializações da História podem ser obtidas no estudo de Ciro Flamarion Cardoso (1990).

<sup>15</sup> Aqui não vou entrar em discussões maiores sobre o conceito de cultura corporal, termo que ultimamente tem sido muito utilizado na Educação Física brasileira, mas penso que deva merecer maiores estudos relativos a sua definição.

<sup>16</sup> Entre outros, aponto os questionamentos à epistemologiaracionalista-científica-objetiva, o abandono da dimensão macroexplicativa, a possibilidade de utilização de novos objetos, o surgimento de novos temas, a recuperação da dimensão subjetiva, a relativização do conceito de verdade, a crítica à tradição marxista ortodoxa, a crítica à linearidade evolutiva do processo histórico, a utilização da crítica literária.

<sup>17</sup> Maiores informações sobre críticas e ressalvas sobre o "novo" podem ser encontradas em Michel

Zaidan Filho (1989) e Sílvia Petersen (1992).

<sup>18</sup> Ver o conceito de fontes voluntárias/involuntárias, bem como primárias/secundárias em Cardoso (*op.cit.*).

<sup>19</sup> Os autores mais citados são Lino Castellani Filho (1988); Carmem Lúcia Soares (1990,1994); Ademir Gebara (1989) e Mauro Betti (1991).

<sup>20</sup> A discussão acerca de fontes/documentos na Educação física brasileira encontra-se melhor desenvolvida no estudo de Melo e Dini (1995, *op.cit.*). Também no estudo de Melo (1994, *op.cit.*), pode-se encontrar discussões dessa natureza.

<sup>21</sup> Peter Burke (1992) resume bem as discussões que se tem estabelecido no interior da História:

A oposição tradicional entre os acontecimentos e as estruturas está sendo substituída por um interesse por seu inter-relacionamento, e alguns historiadores estão experimentando formas narrativas de análise ou formas analíticas de narrativa (P.30).

Também Jacques Le Goff (1990) crê que a cronologia...

...continua sendo um conjunto de referências que sem dúvida deve ser enriquecido, flexibilizado, modernizado, mas que permanece fundamental para o próprio

historiador, para os jovens e para o grande público (p.7).

<sup>22</sup> Segundo Le Goff (*op. cit.*), a filosofia da história

...tendência, nas suas diversas formas, para levar a explicação histórica à descoberta ou à aplicação de uma causa única e original, para substituir o estudo pelas técnicas científicas de evolução das sociedades, sendo essa evolução concebida como abstração baseada no apriorismo ou num conhecimento muito sumário dos trabalhos científicos (p.19).

O autor, longe de negar *a priori* a filosofia da história, chama atenção para o fato de que, como não é histórica, muitas vezes acaba por desvirtuar e ideologizar o conceito de História. Acredita, então, que a História deva introduzir, por outras vias que não a ideologia e respeitando a imprevisibilidade do futuro, o horizonte do futuro na reflexão.

#### UNITERMOS

*História da Educação Física; Historiografia*

*\*Victor Andrade de Melo é Mestre em Educação Física pela UNICAMP.*